

MISTÉRIOS DO NÚMERO E DO NOME

ARNALDO SARAIVA*

RESUMO

Partindo da recepção crítica da poesia cabralina, este trabalho tece considerações sobre a quadra e sobre o número quatro em João Cabral de Melo Neto, poeta que recorreu a esse sistema estrófico e a esse número com invulgar frequência.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral, poesia brasileira, quadra, quatro.

Já vários estudiosos de João Cabral de Melo Neto assinalaram a fortuna da quadra na sua obra. Haroldo de Campos (1976, p. 70) dizia em 1963 que a quadra era a “unidade compositiva mais característica” do Poeta, que a tomava como um “bloco” ou uma “unidade-blocal de composição, elemento geométrico pré-construído”.

No livro *O poema e o quadro*, Danilo Lobo (1981, p. 108) também a considerou “uma divisão estrófica fundamental” do autor de *Paisagens com figuras* (1956), acrescentando que nesta obra João Cabral – que a cultivava desde as “primeiras composições”, sobretudo desde “Antiode” – a “aperfeiçoou”, que em *O Rio* “empregou pela primeira vez” uma “nova quadra”, e que a típica “quadra cabralina” rima como regra o 2º e 4º versos, mas com “rima toante, que tomou emprestado da poesia espanhola”, tendo sido ele o “primeiro escritor brasileiro a utilizá-la consistentemente”. Vão aí várias imprecisões, algumas das quais outros estudiosos repetiram: as primeiras quadras conhecidas de João Cabral são as duas do poema “Janelas”, de 1938, quando ele tinha 18 anos; há muitas (e perfeitas!) quadras em *Pedra de sono* (1942) e *O engenheiro* (1943); a “nova quadra” é uma invenção do crítico, porque se trata de estrofes – ou unidades rítmicas e semânticas – de 16 versos, que nada autoriza a converter, sem mais, em quatro quadras; a rima toante pratica-se em língua portuguesa desde as cantigas medievais, sendo

* Universidade do Porto, Cidade do Porto, Portugal.
E-mail: asaraiva@letras.up.pt

muito cultivada na poesia barroca, incluindo a do brasileiro Gregório de Matos, e na poesia popular, também do Nordeste cabralino; salvo se se pensa no estilo (num conjunto de elementos, modos ou tiques: sintaxe castigada, concisão, desdobramentos semânticos, linguagem concreta, metáforas originais, fluxo antimusical ou antimelódico...) que identifica os comuns poemas do João Cabral, parece errado falar numa típica “quadra cabralina”, já que as estrofes de quatro versos conhecem nele muitas diferenças ou variações: temáticas, sintáticas, métricas, acentuais, rítmicas, rímicas.

O que é indiscutível é a preferência por esse tipo de estrofe de um Poeta que, curiosamente, não nos deixou nenhuma quadra solta – nenhum poema só com uma quadra. Célia Therezinha Oliveira (1995, p. 855) assinalou num extenso *corpus* de poemas cabralinos “a inequívoca supremacia da quadra”, com “um percentual de ocorrência de setenta e três por cento com relação aos demais tipos estróficos”; e notou que nestes os “de maior ocorrência depois da quadra ainda a supõem”, por serem múltiplos de 4 – por terem 8, 12 e 16 versos; aliás, o próprio dístico de vários poemas poderia passar por meia quadra.

Tal preferência parecerá estranha a quem saiba que João Cabral sempre foi um poeta cerebral, independente e de vanguarda, que em princípio deveria cultivar preferentemente o verso e a estrofe livres; mas não provocará estranheza em quem saiba que ele cresceu em contacto com uma cultura popular que há séculos valoriza a quadra, em quem o sabe integrante pela idade da chamada “geração de 45”, que quis restaurar formas e cânones pré-modernistas ou tradicionais, e sobretudo em quem se dá conta das funções e dos valores – estruturais ou simbólicos – que a quadra parece cumprir ou servir como nenhum outro tipo de estrofe.

Essas funções e valores são ao fim e ao cabo os que implica o número quatro, sob o signo do qual, já foi dito por Antonio Carlos Secchin e por outros, parece terem sido escritos muitos poemas e alguns livros de João Cabral.¹ O número quatro foi para João Cabral o que o número três foi para Dante; ele comparece com invulgar frequência na poesia cabralina, e não só na figura da quadra, estrofe básica de tantos poemas (às vezes de 4 quadras, às vezes de 4 partes cada uma com 4 quadras, como “Duplo dístico”, às vezes de versos ou estrofes em múltiplos de 4), ou na figura do verso tetrassílabo e octossílabo

(não por acaso um dos metros preferidos pelo Poeta, que o deu como “pouco-verso”, “em linha vizinha à prosa” e capaz de metrificar “à sua volta” (MELO NETO, 1994, p. 517), mas também visível no título de um livro originalmente editado em Portugal, *Quaderna*, que significa “quatro quadrados”, em alusões directas ou indirectas a “quadro” e a “quadrado” – “como não se ouve um quadrado”,² “Do alto da torre quadrada” (MELO NETO, 1994, p. 154) –, e naturalmente explicitado dentro de versos (ou fora, a marcar estrofes), em letras e algarismo, árabe ou romano.

Recordemos por exemplo versos como “o assentamento do quatro” (MELO NETO, 1994, p. 375), “dos quatro jarros das esquinas” (MELO NETO, 1994, p. 595), “se pratica as quatro operações” (1994, p. 417), ou poemas como os intitulados “Os quatro elementos”, revelados pelos *Cadernos de Literatura Brasileira* (1996, p. 54-56), e sobretudo “O número quatro”, de *Museu de tudo* (MELO NETO, 1994, p. 396). O número quatro pode até ser lembrado lá onde aparecem outros números, e não só os seus múltiplos: *Dois parlamentos*, especialmente na primeira parte, projecta o número quatro de modo distinto; *Os três mal-amados* supõe uma quarta figura, a da amada; *Terceira feira* esteve para se chamar *Poesia partida em quatro*; os números “1 ou 2”, e “2 ou 1” subintitulam as duas partes (4 x 4 quadras cada) de “No centenário de Mondrian”...

A propósito: a relação de João Cabral com o número quatro e com a quadra já tem sido vista à luz da sua estreita relação com a obra de Mondrian ou com a pintura cubista e construtivista, e com as teorias de Le Corbusier ou com a arquitectura; mas não falta quem, como Maria Raquel Ávila, a veja – justifique ou explique – à luz dos valores e poderes numerológicos que qualquer razoável dicionário de símbolos desgarradamente apontará. Um desses dicionários, que por sinal se deve a um amigo de João Cabral, o catalão Juan Eduardo Cirlot (1958, p. 314), lembra que o número quatro é “símbolo da terra, da espacialidade terrestre, do situacional, dos limites externos naturais, da totalidade ‘mínima’ e da organização racional”, acrescentando: “Quatro é o quadrado e o cubo; a cruz das estações e dos pontos cardeais. De acordo com o modelo quaternário se organizam muitas formas materiais e espirituais. É o número das realizações tangíveis e dos elementos”.

Mas ninguém melhor do que o Poeta dará a razão da sua atracção pelo número quatro. Numa entrevista concedida a Antonio Carlos Secchin (1985, p. 305), disse que só concebia quatro leis da estrutura: “polarização, que prefiro chamar de dualidade, progressão, enumeração e desenvolvimento lógico”. Falando da escultora Mary Vieira, escreveu: “Dar ao número ímpar / o acabamento do par / então ao número par / o assentamento do quatro”. Num poema sobre poemas, defendeu que “Um poema é o que há de mais instável: / ele se multiplica e divide, / se pratica as quatro operações / enquanto em nós e de nós existe”. E no poema sobre “O número quatro” escreveu: “O número quatro feito coisa / ou a coisa pelo quatro quadrada, / seja espaço, quadrúpede, mesa, / está racional em suas patas; / está plantada, à margem e acima / de tudo o que tentar abalá-la”.

O quatro, o quadrado, a quadra parecem assim funcionar claramente como sinais ou apelos da solidez e clareza estrutural, como esquemas, geometrias ou “enquadramentos” rigorosos do dizer (e fazer) dinâmico, progressivo, mutável e permutável. Apesar dessa clareza, João Cabral confessou uma vez a José Castello (1996, p. 137), parece que a propósito da lei muçulmana da poligamia: “Jamais pude entender a razão do número quatro”.

A verdade é que não haverá uma só razão, mas razões, e nem todas tão objectivas como as quereria o racionalista e materialista João Cabral; não é fácil dizer ou saber bem o que é um número na “realidade”; e há no mundo ou na vida razões que a razão não conhece, ou há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa filosofia. Reflectindo sobre a frequência da figura do quatro (ou do duplo duplo) em João Cabral de Melo Neto, estremeci ao notar que ele nasceu em 9/1/1920 – soma 22! – e ao reparar melhor no seu nome (“não é fácil chamar-se João Cabral de Melo Neto” – escreveu o seu amigo Murilo Mendes (Mendes, 1994, p. 692) num poema em que também aludiu a sua poesia “em densa forma de quatro”).

O seu nome é formado por 4 antropônimos, três deles com 4 letras, e o outro com 6; mas associando este naturalmente à preposição temos um conjunto de 8 letras, tantas quantas as sílabas poéticas do nome inteiro. Porque o nome poético de João Cabral de Melo Neto é um octossílabo (4 + 4) perfeito – e jâmbico: uma breve, uma longa –, bem

distinto do alexandrino que João do Rio viu ironicamente no nome do parnasiano Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.³

THE MYSTERIES IN THE NUMBER AND IN THE NAME

ABSTRACT

Beginning with the critical reception of the *cabralina* poetry, this article considers the quatrain and the number four in João Cabral de Melo Neto, the poet who relied on this verse system and on this number with great frequency.

KEY WORDS: João Cabral, brazilian poetry, quatrain, four.

NOTAS

- 1 “Sob o signo do quatro (*serial*)” é o título do cap. XII de *João Cabral: a poesia do menos* (Secchin, 1985, p. 185-221). “A maioria das estrofes de *Quaderna* são construídas sob o signo do quatro”, diz Maria Raquel Leiria Ávila (1995, p. 159-166) no ensaio “Uma arquitectura do cosmos: quaderna-quadrado-quadra: quatro”.
- 2 Verso final do poema “Pedem-me um poema” (1998, p. 41).
- 3 Colhi esta informação exactamente no início da obra de Mário Monteiro (1936, p. 9). Num soneto, “Trio”, de *Todos os ventos*, Secchin (2002, p. 23), depois de referir o nome de Olavo Bilac, “que bem cabe em verso alexandrino”, refere o de Antônio Mariano Alberto de Oliveira, “que esculpe passo a passo exótica colmeia,” e lembra que “inapelavelmente encaixa em doze sílabas / Raimundo da Mota de Azevedo Correia”.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Raquel Leiria. Uma arquitectura do cosmos: quaderna-quadrado-quadra: quatro. In: _____. CAMPOS, Maria do Carmo. *João Cabral em perspectiva*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem*. São Paulo: Cultrix, 1976.

CASTELLO, José. *O homem sem alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CIRLOT, Juan Eduardo. *Diccionario de simbolos tradicionales*. Barcelona: Luis Miracle, 1958.

LOBO, Danilo. *O poema e o quadro*. Brasília: Thesaurus, 1981.

MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MELO NETO, João Cabral. Pedem-me um poema. *Terceira Margem*, Porto, n. 1, 1998.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MONTEIRO, Mário. *Bilac e Portugal*. Lisboa: Agência Editorial Brasileira, 1936.

OLIVEIRA, Célia Therezinha. A quadra na poesia de João Cabral de Melo Neto. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

SECCHIN, Antonio Carlos Secchin. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades/Pró Memória/Instituto Nacional do Livro, 1985.

SECCHIN, Antonio Carlos Secchin. *Todos os ventos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.